

1ª MOSTRA GIFE DE INOVAÇÃO SOCIAL

Inovação é tema de debate em formato de entrevista coletiva durante a 1ª Mostra GIFE

Racismo, comunicação e ciência foram alguns dos assuntos que permearam a conversa da plateia com Neca Setubal e Bianca Santana.

A contribuição do investimento social privado e da filantropia para a inovação social se materializa em projetos, programas, metodologias, práticas e frentes de desenvolvimento espalhadas por todo país. Quase 300 dessas soluções fizeram parte da 1ª Mostra GIFE de Inovação Social. São iniciativas que produzem novos modos de enfrentar os desafios da agenda pública e que fomentam e expressam as múltiplas capacidades de ação cidadã presentes na sociedade, seja no setor privado, na gestão pública, na academia ou na sociedade civil organizada.

Mas, afinal, o que significa falar de inovação, em pensar novos modos de fazer, quando estamos diante de problemas coletivos relacionados à agenda social e ambiental? Esse foi o tema da **“Conversa de Inovação”** no dia 13 de setembro, durante a programação da Mostra, realizada no Centro Cultural São Paulo. A atividade reuniu cerca de 50 pessoas para um debate que contou com a presença de Neca Setubal, presidente dos conselhos da Fundação Tide Setubal e do GIFE, e Bianca Santana, escritora, pesquisadora, jornalista, professora e integrante da Coalizão Negra por Direitos.

O formato de entrevista coletiva proposto para a atividade, mediada por José Marcelo Zacchi, secretário geral do GIFE, propiciou uma

I^A MOSTRA GIFE DE INOVAÇÃO SOCIAL

conversa pautada pelas perguntas dos presentes em torno do tema da inovação nos campos social e ambiental.

Confira a seguir os destaques do debate.

Quais são as novas fronteiras da inovação social no mundo de hoje?

Neca Setubal - Quando falamos em inovação, temos várias possibilidades de olhares e perspectivas. Como vivemos em um país de realidades muito diferentes e desiguais, muitas vezes, o que é inovação em uma região, não é na outra. Então, essa é uma questão que pode ter diferentes olhares e conotações. Obviamente que a primeira coisa que vem à cabeça quando falamos em inovação diz respeito à tecnologia. Mas não é só. Ela é parte central do mundo hoje, mas é apenas um pedaço quando pensamos em inovação social.

Penso que as novas fronteiras dessa inovação social serão dadas à medida que avançarmos na consolidação e no fortalecimento da democracia e no enfrentamento e superação das desigualdades sociais: do racismo, da desigualdade de gênero, da homofobia. Outras fronteiras estão muito ligadas às questões ambientais como água, mudanças climáticas, etc. Todos esses temas impactam o mundo atual e se entrecruzam.

Como você vê o uso do design comportamental na gestão pública?

Bianca Santana - Eu gostaria de pedir ajuda a duas mulheres negras para responder a essa pergunta. A primeira é a Tia Ciata, uma mulher da Bahia que morava no Rio de Janeiro. Nos anos 20, no quintal da casa dela, foi gravado o primeiro samba, *Pelo*

1ª MOSTRA GIFE DE INOVAÇÃO SOCIAL

Telefone, do Donga. E a outra mulher é a Luana Vieira, do Jardim Miriam, em São Paulo, que organiza hoje o Pagode na Disciplina. No Brasil dos anos 20, era proibido tocar tambor porque isso remetia à prática das religiões de matriz africana que eram proibidas legalmente. Tia Ciata tinha a fama de curar doenças bastante complexas. E o presidente da República à época tinha um problema na perna que até então não pudera ser tratado por médicos brasileiros e estrangeiros. Então ele pede para chamar a Tia Ciata. Ela responde que como mãe de santo não poderia ir até o presidente. E ele não podia ir até ela. Para resolver o impasse, ela propõe então a possibilidade de pedir algo muito valioso em troca. E pediu um emprego para o marido na segurança pública. Lembrando que estamos falando do Brasil pós-abolição, quando os homens negros não tinham trabalho, já que a abolição não foi acompanhada de nenhuma política reparatória, mas sim da lei de ‘vadiagem’, então homens e mulheres negros que estivessem na rua sem trabalho poderiam ser presos.

Conseguir um emprego formal para o marido era, então, algo bastante inteligente, considerando que quem trazia dinheiro para a casa eram as mulheres, especialmente como empregadas domésticas, algo que perdura nas casas brasileiras como marca do nosso passado escravocrata. O marido da Tia Ciata fez muitas amizades no trabalho. E quando tinha batuque na casa dela, a segurança do Estado fazia um cordão de isolamento e ninguém incomodava porque a segurança nacional possibilitava que o batuque acontecesse naquele quintal. Não é à toa que o primeiro samba é gravado nesse local e não em outro. Aquela mulher entendeu e encontrou uma forma totalmente inesperada de resolver um problema coletivo, que era tocar tambor.

I^A MOSTRA GIFE DE INOVAÇÃO SOCIAL

A Luana, por sua vez, é uma mulher, mãe de cinco filhos, que estuda, trabalha e organiza um samba para duas mil pessoas uma vez por mês na cidade de São Paulo. Todo mês, a Luana precisa negociar com todos os poderes locais para que o samba aconteça e lida com conflitos que não podemos imaginar desse lugar que ocupamos, mas que estão muito evidentes naquele território. No último final de semana, houve um ato na frente no supermercado Ricoy, na zona sul, muito próximo do Jardim Miriam, depois que um garoto negro de 17 anos foi chicoteado pelo segurança do supermercado. A Luana foi uma das lideranças responsáveis pela realização desse ato. Além do pagode no Jardim Miriam, ela articula um núcleo da Uneafro, cursinho popular, que tira a molecada da rua e dá a possibilidade de acesso à educação. Ela também faz parte da rede de proteção e resistência contra o genocídio. Quando acontece um problema desse tamanho, temos pessoas nos territórios que não aceitam o dado de um jovem negro assassinado a cada 23 minutos no Brasil e tomam para si, apesar das condições terríveis de vida, a tarefa de se organizar coletivamente para resistir a esses problemas.

Para mim, hoje, o genocídio da população negra é o problema mais grave que a gente tem para resolver no Brasil. Eu gostaria muito de conhecer as inovações e as respostas possíveis para interromper esse genocídio. Tenho certeza de que essas mulheres constroem soluções todos os dias, por isso eu trago as duas para a roda. É gente que sabe resolver problemas em condições perversas. Aí tem resposta de como inovar. Eu imagino que nenhuma delas entenda de *design* comportamental. E as perguntas que eu faço também são: Quem é o *designer*? Quais são os códigos para pensar a resolução dos problemas? Se esse é um código desenhado por homens brancos, ricos ou de classe média, ele não vai dar conta de atender a qualquer problema da gestão pública. Porque o risco grande que

I^A MOSTRA GIFE DE INOVAÇÃO SOCIAL

eu vejo é de a gente voltar a *pré-dizer* comportamentos e tirar a possibilidade de que mulheres como essas atuem da forma fabulosa como atuam numa tentativa de gestão ou de resposta eficiente aos problemas.

Organizei um livro lançado no início do ano chamado *Inovação ancestral de mulheres negras*, [disponível em licença aberta para download gratuito na internet](#). Ele traz relatos em primeira pessoa de 27 mulheres negras contando tópicos das suas trajetórias. A Luana é uma delas, mas tem mulheres da política, da academia, da moda, enfim, uma diversidade de mulheres negras falando de inovação a partir de suas trajetórias.

Com o cenário atual de cortes nos investimentos em educação, pesquisa, ciência e tecnologia, como você vê o papel do investimento social privado neste momento, não para ocupar o lugar do Estado, mas no sentido de incentivar essas áreas?

Sobre inovação no sentido de pesquisa, ciência e tecnologia, com o cenário que temos hoje de cortes na educação e nos investimentos para pesquisa no país, como você vê o papel do investimento social privado - não para substituir o papel do Estado, mas no sentido de investir também e incentivar a pesquisa? Temos visto um silêncio muito grande do nosso empresariado e do nosso setor privado em geral em relação a esses cortes e eu fico preocupada. Será que o setor privado não está preocupado com investimento em ciência e inovação?

Neca Setubal: Várias áreas estão sofrendo retrocessos no atual governo e a educação sem dúvida é uma delas. Até agora, não vimos o governo apresentar um projeto político em relação à educação básica. O terceiro setor continua se mobilizando. Uma

1ª MOSTRA GIFE DE INOVAÇÃO SOCIAL

parte das iniciativas expostas nesta Mostra apresenta o que o terceiro setor e as fundações estão fazendo em relação à educação no país e nunca pararam de fazer. Essa atuação, muitas vezes, tem sido feita em forma de maior apoio às organizações da sociedade civil que atuam na base. Também existe uma intencionalidade, explicitada pelo Todos Pela Educação, de uma atuação por meio dos estados e municípios, uma vez que o MEC [Ministério da Educação] não está explicitando qual é a política pública.

Como você vê o papel das fundações no enfrentamento do racismo e nas iniciativas relacionadas ao tema das relações raciais?

Bianca Santana - Penso em duas palavras que não dão conta da complexidade da questão, mas podem apontar caminhos. Uma é protagonismo porque nós precisamos que as soluções sejam desenhadas também pela população negra. Porque o que a gente tem no Brasil, historicamente, é de determinada classe, gênero e raça pensar sempre as soluções para o todo e numa perspectiva da inclusão. Só que não sei quem quer ser incluído. Essa não é uma perspectiva que dialoga com as pessoas. Precisamos desenhar soluções comuns, reconhecendo a interlocução como válida e isso ainda é algo muito difícil. Acho que temos avançado. Tenho dialogado com alguns institutos e fundações que têm se preocupado muito em valorizar o protagonismo e buscado algum tipo de representatividade, que é a segunda palavra que eu trago.

Quem, hoje, está nessas fundações, ocupando esses postos de trabalho? E com isso eu não quero dizer que só pessoas negras podem falar sobre racismo, de forma alguma. O racismo é um problema da sociedade brasileira e precisa ser encarado por toda a sociedade. Em alguns momentos, para provocar, eu gosto de dizer que o racismo foi inventado pelas pessoas brancas, então é um

I AMOSTRA GIFE DE INOVAÇÃO SOCIAL

problema que as pessoas brancas precisam resolver. Como nós somos solidários, estamos dispostos e abertos a resolver isso que vocês fizeram junto com vocês. Esse problema é de todo mundo, mas eu não posso resolver isso sem os meus amigos. Eu preciso trazer as outras pessoas negras para trabalhar nas minhas instituições em cargos de poder, de comando, e isso não é simples.

Tenho recebido uma grande quantidade de ofertas de emprego nos últimos anos. E eu sei por que. É porque eu sou negra, estudei na Universidade de São Paulo e falo mais de uma língua. É só esse perfil de mulher negra que interessa. Isso me formata de um modo palatável para a maior parte dessas instituições. Mas, eu não tenho nenhuma possibilidade de construir as respostas sem as pessoas que não fizeram a universidade. Nós precisamos reconhecer a riqueza e o valor nas experiências diversas e esse é um passo que ainda não demos. Ainda há um jeito equivocado de pensar a presença negra nesses espaços. Mas é movimento. Esse desenho não foi feito no Brasil. Nós tivemos quase 400 anos de escravidão e 130 anos de uma abolição, que, na prática, nunca existiu. Nós vivemos um colonialismo escravocrata hoje.

É muito difícil mesmo que consigamos entender caminhos e possibilidades, mas precisamos enfrentar essa dificuldade todo mundo junto. E construir as pontes é custoso para todos. Mas se eu puder chutar, eu diria que para nós negros é um pouco mais. Temos um caminho longo para trilhar.

Como superar o desafio da burocracia em instâncias diversas do trabalho no campo social?

Neca Setubal - Me ocorrem duas experiências da Fundação Tide Setubal que acho muito inovadoras porque trazem uma base

I AMOSTRA GIFE DE INOVAÇÃO SOCIAL

territorial com um engajamento participativo junto à comunidade com um resultado efetivo de cocriação. Uma diz respeito ao problema relacionado à coleta de lixo nas ruelas do Jardim Lapenna [na zona leste paulistana] porque o caminhão não passava. Com o engajamento da comunidade, várias instâncias de conversa, muita burocracia, fórum de moradores, acesso a vários níveis de secretarias, etc., foi possível conseguir um mini-caminhão de lixo para passar nas ruas pequenas coletar o lixo na comunidade. Isso exige muita persistência e engajamento comunitário.

Outro exemplo muito atual é o Plano de Bairro [também no Jardim Lapenna - [saiba mais](#)], que foi uma experiência super engajadora de diferentes dimensões da comunidade. Crianças, jovens, adultos, pessoas mais velhas, todo mundo se envolveu e foi criado um comitê gestor com as lideranças e organizações da comunidade para elaborar o Plano de Bairro que já está no Plano Diretor da cidade. Outra experiência que envolveu muita conversa e muitas instâncias.

Então, eu acredito muito nessa base territorial com um engajamento verdadeiro da comunidade, das lideranças e com diferentes instâncias. Mas ter que enfrentar a burocracia das instâncias da gestão pública faz parte dos processos democráticos muitas vezes. Mas vale a pena.

Nós sabemos que não vem de hoje o desafio da comunicação com diferentes públicos, mas, de uns tempos para cá, esse desafio está mais latente. Toda essa polarização tem tornado cada vez mais difícil 'furar as bolhas' e dialogar de maneira efetiva com pessoas que pensam diferente. Que caminhos você vislumbra como possíveis para superarmos esse desafio, não só no sentido de ferramentas, mas estratégias e exemplos de boas práticas?

1ª MOSTRA GIFE DE INOVAÇÃO SOCIAL

Bianca Santana - De fato tem sido muito difícil ampliar o diálogo. Um exemplo que me ocorre é uma campanha eleitoral. Não é fácil fazer campanha eleitoral no Brasil hoje porque há essa polarização política que você menciona e, em alguns ambientes, há um rechaço àquilo que é partidário ou à política institucional. No ano passado, eu trabalhei na campanha de um candidato negro a deputado federal, uma candidatura do movimento negro, que tinha toda a legitimidade da rua. E como a gente comunica e disputa voto? Porque, em última instância, você precisa dialogar com as pessoas com o objetivo de alcançar votos. A construção dessa campanha tinha uma premissa pela verdade e pela conexão com as pessoas e com o que elas traziam. Muitas vezes, nós falamos de diálogo sem querer ouvir o outro, chamamos de diálogo a pessoa sentar e absorver tudo aquilo que queremos passar para ela. É importante ouvir o que vem das pessoas, o que vem da rua. E, muitas vezes, temos tantas categorias pré-formatadas, que quando a pessoa começa a dizer algo, já achamos que ali não há diálogo possível. Isso não é verdade.

Eu trago essa experiência porque ela abrange desde fazer campanha na internet até entregar panfleto na rua, nos pontos de ônibus. E quando você conversa com as pessoas, elas trazem coisas que se conectam com a nossa perspectiva de direitos humanos, de distribuição de poder. Mas, na medida em que os jargões são repetidos na grande imprensa o tempo todo, se não paramos para ouvir o que mais tem ali, não conseguimos aprofundar o diálogo. Há um exercício de ouvir para poder comunicar e esse é um exercício que a gente raramente faz de verdade, queremos só falar e passar rápido a mensagem. Precisamos ouvir primeiro para descobrir a estratégia de como falar.